

## O INDIVÍDUO NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA E A IDENTIDADE NACIONAL

José Rosamilton de Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho propõe uma reflexão sobre a sociedade líquido-moderna definida pelo sociólogo Zygmunt Bauman. O autor afirma que vivemos em uma sociedade que os relacionamentos pessoais e conjugais não são mais duradouros, como também, não há mais efetividade no trabalho, pois as pessoas preferem não possuir vínculos que as prendam a outras. Portanto, na sociedade líquido-moderna, a identidade do sujeito é constituída por um leque de opções que se caracterizam pelo imediatismo. Assim, neste tipo de contexto social é cada vez malvista a pessoa ser identificada de modo inflexível e fixa. As identidades são um conjunto de identificações atribuídas ao indivíduo por quem está ao seu redor. Para Bauman (2005) a identidade de um indivíduo ocorre a partir de seu nascimento em um país e sua afirmação dentro dessa nacionalidade, ou seja, para possuir uma determinada identidade nacional tem que ser aceito oficialmente no seu reduto social. Desse modo, para o indivíduo da modernidade líquida, as identidades são portadas como algo leve e passageiro, porque o medo da solidão e abandono contribui para que as pessoas estejam sempre disponíveis e desimpedidas para um relacionamento, mesmo que não seja duradouro, afinal busca-se apenas o momento presente.

**Palavras-chave:** Sociedade líquido-moderna. Sujeito. Identidade.

**ABSTRACT:** This work proposes a reflection about the liquid modern society defined by the sociologist Zygmunt Bauman. The author affirm that we live in a society that the personal and marital relationships are not more permanent, as also, there is not more effectiveness in the job, because the people prefer not to be linked to others. Therefore, in the liquid modern society, a range of options that is characterized by immediacy constitutes the identity of the subject. Thus, in this type of social context is less and less accepted the people to be identified of way inflexible and fixed. The identities are a set of identifications attributed to individual who is around you. For Bauman (2005) the identity of an individual occurs from birth in a country and the affirmation into of this nationality, in other words, to possess a particular national identity has to be accept officially in the social redoubt. Thereby, to individual of liquid modernity, the identities are ported as something light and fleeting, because the fear of loneliness and abandon contribute to people being always available and unimpeded to a relationship, same that to be not permanent, after all seeks out only the present moment.

**Keywords:** liquid modern society. Subject. Identity.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho discute-se a formação de identidade do sujeito na sociedade líquido-moderna. Para isso, utiliza-se como principal base teórica os estudos do sociólogo Zygmunt Bauman. Este artigo objetiva provocar reflexões para compreender o

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: [rosamiltonlima@hotmail.com](mailto:rosamiltonlima@hotmail.com)

comportamento social dos indivíduos na modernidade, enfatizando algumas atitudes cotidianas a saber: o vínculo no trabalho, as relações afetivas de laços conjugais e de amizades facilitadas pelas redes sociais, tudo isso como fatores influenciadores para formação das identidades.

Como metodologia, apresenta-se algumas concepções de Bauman (2005) sobre temas relacionados à formação da identidade líquido-moderna, ao mesmo tempo em que à luz desse pensamento, concorda-se ou contrapõe-se, tecendo argumentos que exponha a posição do que se aborda neste trabalho. Nesse sentido, desde o nascimento do indivíduo, é possível questionar: Em que consiste a essência do ser humano? Qual o melhor lugar para viver? Qual a melhor forma de usufruir da vida? Evidentemente, surge como resposta, que cada pessoa deve disfrutar das coisas boas da vida, isto é, viver com qualidade. Logo, qualidade de vida está relacionada à paz, moradia confortável, usufruir de boa saúde, participar de atividades de lazer, ter uma alimentação adequada, possuir harmonia familiar e praticar exercícios físicos.

Entretanto, o indivíduo que deseja a qualidade de vida possui dificuldades na busca desta ordem social, tendo em vista que na sociedade líquido-moderna está ocorrendo muitas desordens como a violência, aumento de desemprego, calamidade nos hospitais com muitas pessoas enfermas sem leitos suficientes e condições de receber pacientes para oferecer um atendimento adequado, parte da população obesa em alguns países, enquanto que em outros existe ainda muita criança desnutrida devido a fome, muitos mendigos e moradores de rua, e além disso, indivíduos que não podem viver em seu próprio país de nascimento devido a conflitos armados, enfim, vários fatores que se contrapõem a qualidade de vida.

## **SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA E A IDENTIDADE NACIONAL**

O indivíduo, por mais tímido que seja, necessita de uma convivência no meio social, porque ele não está sozinho como ser humano. Logo, deve-se refletir sobre como está a sociedade na modernidade líquida. Então, neste contexto temporal e social o acesso à informação e à utilização de recursos tecnológicos sofisticados devem contribuir para o bem-estar do ser humano. Porém, o viver bem é um conceito relativo que merece ser aprofundado. No tocante a qualidade de vida, Almeida (2012, p. 15) delimita que:

O senso comum se apropriou desse objeto de forma a resumir melhorias ou um alto padrão de bem-estar na vida das pessoas, sejam elas de ordem econômica, social ou emocional. Todavia, a área de conhecimento em qualidade de vida encontra-se numa fase de construção de identidade. Ora identificam-na em relação à saúde, ora à moradia, ao lazer, aos hábitos de atividade física e alimentação, mas o fato é que essa forma de saber afirma que todos esses fatores levam a uma percepção positiva de bem-estar.

Como se pode ver, qualidade de vida deve ser almejada pelas pessoas. Mas a mídia influencia na forma de viver de cada um, criando concepções de felicidade baseadas no que a pessoa deve vestir, calçar, comer, usar em casa e que transporte utilizar. Isso ocorre porque vivencia-se uma sociedade impulsionada pela industrialização e consumismo. No mundo prolifera-se o modelo econômico denominado de neoliberalismo, que defende a não interferência do Estado na economia, para que ela esteja baseada no livre jogo das forças do mercado. Assim, o indivíduo faz parte de um mundo globalizado e por isso, ele está suscetível a influências, principalmente, passadas pela mídia.

Dessa forma, esse modelo econômico possui como características a privatização de empresas estatais, a livre circulação de capitais internacionais, a abertura econômica para a entrada de empresas multinacionais, a adoção de medidas contra o protecionismo econômico e a redução de impostos e tributos cobrados indiscriminadamente. Tudo isso gera um maior desenvolvimento econômico no país. Porém, não garante que esse crescimento econômico atinja a todas as classes sociais no sentido de aumento de capital para as pessoas com menor poder aquisitivo e nível socioeconômico mais baixo. O que acontece é que incentiva-se o consumismo para beneficiar grandes empresas e dá lucro aos seus acionistas.

Para tanto, diariamente existem empresários que criam estratégias para manter o consumismo, gerando lucros que cada vez mais contribuem para o aumento de seus capitais. Conseqüentemente, é comum veículos de comunicação em massa desenvolverem sua programação com base no gosto de um público fiel para torná-lo consumidor. Logo, cria-se no indivíduo uma necessidade de comprar para acompanhar as últimas tendências da moda, para que ele sintam-se incluído na sociedade e adquira satisfação pessoal. Porém, nem todas as pessoas possuem condições financeiras favoráveis para acompanhar as novidades que surgem de forma muito rápida, e principalmente, como resultado os jovens

ficam insatisfeitos e revoltados por não fazerem parte de uma classe social mais elevada financeiramente, ocasionando em frustrações.

O ser humano instintivamente deve possuir um projeto de vida que focalize na realização de seus desejos e sonhos, pois, é isso que impulsiona a vida e proporciona prazer. Entretanto, é característica na modernidade líquida não pensar em um projeto a longo prazo, porque o pensamento do sujeito é viver o momento presente sem se preocupar com o futuro, com a instabilidade no emprego, e em se firmar nas relações de amizade, como também em laço conjugal.

No tocante à identidade nacional, pode se afirmar que se refere ao lugar onde a pessoa nasce e é aceita pela legislação do seu local de origem. No cenário mundial, apesar de muita evolução nos saberes científicos, os seres humanos não conseguem se entender quanto a um consenso de paz, e as guerras ainda continuam a existir, negando o direito de uma identidade nacional a milhares de pessoas. Assim, são muitos os refugiados em campos considerados não pertencentes a nenhum país que vivem em condições de desprezo humanitário. Não ser aceito na sua própria localidade de nascimento é uma situação humilhante.

Para Bauman (2005) a identidade de um indivíduo ocorre a partir de seu nascimento em um país e sua afirmação dentro dessa nacionalidade, ou seja, para possuir uma determinada identidade nacional tem que ser aceito oficialmente no seu reduto social. Como se pode ver, o sujeito possui, de certa forma, liberdade para construir sua identidade, embora seja influenciado e estimulado pelo meio externo, atraído pelo modelo econômico do neoliberalismo, que cria concepções de felicidade através da mídia massiva, incentivando o consumismo.

O pertencimento e a identidade não possuem tanta solidez, porque não são garantidos para toda vida. Ambos são bastante negociáveis e vão se moldando, de acordo com as decisões tomadas pela pessoa, seus caminhos percorridos, sua forma de agir e sua determinação de se manter firme a tudo isso. Esse pensamento compactua com Hall (2000, p. 48) quando afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”.

Ainda de acordo com Bauman (2005), os refugiados ao mesmo tempo que compartilham a situação da subclasse, acima de todas as privações, têm negado o direito a presença física dentro de um território sob lei soberana, exceto em lugares planejados,

denominados de campos para refugiados. Por exemplo, os refugiados da Síria evidenciam essa situação, pois são milhares de pessoas que morrem em travessias marítimas tentando chegar em um país que possam lhe acolher. Porém, muitos estão aglomerados em campos de refugiados, esperando piedade, que algum país possa recebê-los algum dia. Ademais, outros países em conflitos vivenciam semelhante situação, tais como, Líbia, Mali, Nigéria, Somália, Iraque, Iêmen e Afeganistão.

Bauman (2005) classifica como subclasse os seres humanos excluídos socialmente, a saber: mendigos, desempregados, viciados em drogas, mães solteiras, moradores de ruas, entre outros. Ou seja, pessoas que não contribuem com a produção de capital e não são úteis ao mercado de trabalho, e por isso, considerados como lixo humano; porque não estão adequadas ao padrão de sociedade no modelo neoliberalista. Vale ressaltar que os conflitos armados, a repressão política, a violação maciça dos direitos humanos, as mazelas socioeconômicas, violência praticada por grupos de origem diferente, a implantação de grandes obras de infraestrutura como as hidrelétricas, o desenvolvimento de grandes empreendimentos agrícolas são os fatores que contribuem para que civis se tornem refugiados; que tentem migrar para outros países em busca de uma vida melhor.

Segundo SILVA (2017, p. 166) “a globalização neoliberal, que se fortificou durante a década de 1970, vem imprimindo grande complexidade a esse cenário ao gerar uma evidente desigualdade econômica e concentração de riqueza no mundo”. Por exemplo, o povo venezuelano está sofrendo com um governo autoritário, e o país passa por uma crise política e econômica e, por isso, muitas pessoas buscam melhores condições de vida se refugiando para os países vizinhos, inclusive para o Brasil. Vale ressaltar que as identidades são um conjunto de identificações atribuídas ao indivíduo por quem está ao seu redor. Logo, a identidade contribui para uma determinada ordem social, sendo que as relações sociais se mantêm concentradas de acordo com as comunidades localizadas geograficamente de que fazem parte, apesar do cenário de globalização. Nesse ínterim, Bauman (2005) afirma que o Estado possui o poder de reconhecer a identidade nacional de uma pessoa, pois, define, classifica, segrega, separa e seleciona os costumes, a língua e dialetos, as tradições e modos de vida de seus habitantes.

É interessante mencionar que a memória possui um papel muito forte na formação de identidades, pois aquilo que um grupo ou uma sociedade consegue se lembrar e escolhe esquecer legitima ou deslegitima discursos, comportamentos, atitudes, cerimônias e

direcionamentos políticos e sociais. Não existe busca identitária sem memória e ao mesmo tempo a busca guiada pela memória proporciona um sentimento de identidade. Por isso, memórias e identidades são indissociáveis. Logo, o indivíduo só é capaz de recordar na medida em que pertence a algum grupo social.

Portanto, o indivíduo isolado não forma memórias, ou pelo menos não é capaz de sustentá-las por muito tempo, pois necessita do apoio dos testemunhos de outros para alimentá-los e formatá-los. Pois, a ligação entre memória e identidade é tão profunda que o imaginário histórico-cultural se alimenta destes para se autossustentar e se reconhecer como expressão particular de um determinado povo. De acordo com Halbwachs (2003) há dois tipos de memórias. A memória individual e a coletiva. A primeira baseia-se em uma lembrança dentro de um estado de consciência puramente individual, trata-se dos afetos, das emoções, a percepção de um acontecimento de forma subjetiva. Logo, a ideia, a reflexão e a paixão que o indivíduo coloca em uma lembrança é a sua memória individual.

Já a segunda, está na referência do que se pensa sobre o fato, considera-se o juízo de valor do grupo ao qual a pessoa está inserida. Então, prevalece a percepção do grupo. Quando alguém relata a história para outra pessoa entra na memória coletiva, mas a ideia, sentimento e reflexão que ela tem do fato é a sua memória individual e ela ocorre quando outros componentes do grupo não têm conhecimento de determinado fato, isto é, ela é marcante apenas para o indivíduo e não é socializada no grupo. Acrescenta-se ainda que, a memória coletiva é tudo que foi vivido no passado e pode ser compartilhada por um grupo. Trata-se de um processo permanente em uma sociedade que se permite recordar e trazer para o presente tradições e práticas que são repassadas por meio da oralidade de geração para geração. A memória é dinâmica, viva, porque se transmite, se comunica e busca permanecer e trazer um evento do passado para o presente.

Ademais, a memória permite entender algumas coisas como os medos, os temores de uma sociedade produtora de tabus, dentro dos grupos onde se desenvolvem, e conseqüentemente, dentro da própria sociedade. Por isso, a memória é um elemento fundamental da identidade e contribui para a formação da cidadania. Logo, essa construção da identidade ou identidades vão se moldando quando um determinado grupo se apropria de seus valores, manifestações, perpetuando-as na sua história, passando de geração para geração. Segundo Halbwachs (2003) as memórias permanecem coletivas e são ativadas por estímulo dos outros, ainda que se trate de eventos em que somente um

indivíduo viu. Isso acontece porque jamais ele está sozinho. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos dele, porque sempre leva com ele certa quantidade de pessoas que não se confundem. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões, pensamentos que atribuídos a um indivíduo são, na verdade, inspirados pelo grupo social a que ele pertence.

A disposição de Halbwachs (2003) acerca da memória individual refere-se à existência de uma intuição sensível, para ele, as memórias individuais se constituem a partir de quadros fornecidos ou impostos, pelo meio social. Eles determinam o que deve ser lembrado, esquecido, silenciado ou comemorado pelos indivíduos. A contextualização realizada pelos quadros sociais inclui ainda a padronização social do tempo e do espaço que são dimensões fundamentais da experiência humana.

Esse pensamento pode ser relacionado ao conceito de Formação Discursiva, porque de acordo com Foucault (2008) trata-se de um conjunto de enunciados que apresenta uma regularidade no tocante a uma determinada temática, que produz a realidade e a verdade em um contexto social em um determinado lugar e em um determinado período através dos saberes e das relações de poder. O discurso possibilita uma compreensão de língua que não se limita apenas ao abstracionismo dos signos linguísticos, se tornando o objeto representativo de uma língua em funcionamento, capaz de produzir efeitos comunicativos nas ações cotidianas das pessoas através da interação social. Todavia, para que o discurso se propague para produzir sentido e atinja seu propósito de efeito nos dizeres lançados ao meio social, se faz necessário que ele esteja incorporado em algum gênero de discurso, ou seja, é imprescindível a materialidade linguística.

O discurso não é proferido na sociedade de forma aleatória e desconexa. Ele surge interligado a um contexto enunciativo que permite que seja produzido os sentidos neste cenário comunicativo para execução das ações no que diz respeito ao processo de interação humana. Nesse ínterim, o discurso representa o poder de estabelecer saberes e verdades em um determinado período e determinado lugar. Assim, as identidades etárias, profissional, sexual, nacional, política, religiosa, vão se aprimorando e/ou se transformando de acordo com os discursos que circulam na sociedade e que compõem os saberes e verdades da modernidade. O discurso é uma prática social que se exterioriza do enunciado. Ele é constituído de enunciados que pertencem a um saber de uma

determinada época, sendo um lugar onde se entrecruzam filiações a memórias e que retomadas sempre deslocam sentidos. Logo, o discurso contribui para a memória social de uma determinada comunidade em um determinado período.

As identidades não estão mais limitadas ao espaço geográfico em que o indivíduo reside, pois com a expansão da internet e a explosão das redes sociais, as pessoas estão cada vez mais envolvidas em comunidades virtuais e desvinculando-se das relações sociais face a face. É comum as pessoas em casa, no trabalho, em metrô, ônibus, ruas, restaurantes e aeroportos estarem conectadas a redes sociais, interagindo com seus diversos amigos online e criando bloqueios comunicativos com aqueles que estão fisicamente ao seu lado, desprezando, assim, o ambiente ao seu redor. Logo, essa facilidade com que se tem o acesso a internet em diversos locais no conforto de um aparelho a sua mão sem o desgaste do contato físico, seduz o indivíduo a buscar os relacionamentos pessoais e íntimos de forma desinibida.

Por um lado, as vantagens de inserir-se em comunidades virtuais distantes geograficamente do seu local de moradia é que o indivíduo pode usufruir de compartilhar ideias, pensamentos, conhecimentos que outrora ainda não estão disponíveis no ambiente físico que ele reside. Para isso, é preciso discernimento para selecionar as comunidades que são semelhantes aos seus interesses para contribuir positivamente para o crescimento pessoal, profissional e intelectual. Vale ressaltar que o ser humano vive em processo contínuo de formação cidadã. Em tempos de sociedade líquida, o indivíduo necessita de suporte que o direcione para uma perspectiva de princípios éticos e morais para a valorização de saberes relacionados a sua vivência em seu ambiente social. Assim, a família, a igreja, a escola e o Estado não devem compactuar com a desvalorização de princípios que nortearam a vida das pessoas durante séculos e o determinavam a sua boa conduta, conservando relações duradouras que prevalecia a lealdade, o respeito mútuo, a generosidade, o companheirismo, o amor e a compreensão, fatores considerados humanitários, que designavam a ordem social.

É comum observar que no conflito de formação das identidades as pessoas, principalmente os jovens, enfrentam muitas dificuldades psicológicas quando a família, a escola, a igreja tenta impor regras comportamentais relacionadas a determinados princípios éticos e morais que se formaram ao longo dos tempos como normais e adequados ao padrão social, tais como, relacionamento conjugal somente entre pessoas de

sexo oposto, a forma de apresentar-se fisicamente a sociedade como, pessoas do sexo masculino não deve usar cabelos longos ou brincos, assim como, não é certo usar *piercing* e tatuar o corpo, entre outros. A “repressão” a essa “liberdade” do jovem pode gerar rebeldia, frustração e até depressão, pois alguns chantageiam aos pais ameaçando tirarem a própria vida. Por essa razão, alguns pais recuam de sua autoridade paternal e não conseguem mais lutar contra outros fatores como os relacionamentos intermediados pelas redes sociais que muitas vezes contribuem para a liquidez da sociedade, em outras palavras, influenciam a formação de identidade do indivíduo determinando novos padrões sociais na forma de viver que se contrapõem ao que a família, a igreja determina como adequado.

Para Bauman (2005) à medida que nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da modernidade líquida, as identidades sofrem um processo de transformação contínuo, mas tudo depende das decisões que o indivíduo toma, do caminho percorrido e da maneira como ele age. Embora, deve-se reconhecer que a sociedade exerce grande influência nesse processo de formação de identidade, isto é, a memória coletiva, como também, as formações discursivas acontecem.

Por outro lado, existem desvantagens, porque como vivemos em um universo do consumismo, o mercantilismo visa obter lucros por meio da fragilidade intelectual das pessoas, atraindo-as naquilo que elas são vulneráveis, nos sentimentos e desejos como ganância, inveja, espírito de superioridade perante o outro, prazer físico e demonstração de superioridade por meio do poder aquisitivo financeiro. Logo, os maiores acessos na internet estão relacionados a sites de relacionamentos, entretenimento, fofocas, jogos de vídeo game, uso das redes sociais, notícias sobre as vidas de personalidades do esporte, cantores e atrizes, como também, para fazer compras. Assim, em tempos líquidos o indivíduo não possui uma identidade fixa construída apenas por influência da família, da religião e do Estado.

Pode-se afirmar que as comunidades virtuais representam um pertencimento superficial, porque a qualquer momento o membro pode se desvincular sem nenhum sentimento de culpa ou emoção devido não possuir o contato face a face. Segundo Bauman (2005), as comunidades virtuais criam apenas uma ilusão de identidade e um simulacro de comunidade. Tampouco, elas podem dar substância à identidade pessoal, pois elas tornam mais difícil para a pessoa chegar a um acordo com o seu próprio eu. Por isso, as pessoas

estão cada vez mais inseguras no tocante às suas relações pessoais e íntimas, por exemplo, há uma luta para que novos modelos de famílias sejam aceitos no meio social, como os casais formados por gays ou por lésbicas. Pois, em tempos de modernidade líquida há muitos conflitos para definição da identidade sexual.

Ainda com base nas ideias desse sociólogo os habitantes do líquido mundo moderno buscam, constroem e mantêm as referências comunais de suas identidades em movimento, lutando para juntar-se aos grupos igualmente móveis e velozes que procuram, constroem e tentam manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. Logo, no mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam.

Por exemplo, as pessoas preferem um ciclo maior de amizade facilitado pelas redes sociais, em que estão em contato constante de forma virtual, compartilhando fotos, vídeos, textos, conversando, trocando informações relevantes ou meras fofocas, mas que não se sentem solitárias pela interação, embora esse elo não represente solidez, porque esse universo pode evidenciar a falsidade, a infidelidade, a autopromoção, e o incentivo maior ao consumismo, e, evidentemente, uma maior facilidade de desvinculação de comunicação que pode ocorrer simplesmente por meio de um clique.

Porém, cada pessoa é responsável para se adequar aos tipos de identidade em curso na sociedade líquido-moderna. Desse modo, é preferível atualmente substituir os poucos relacionamentos profundos e duradouros por uma quantidade maior e diversificada de contatos pouco consistentes e superficiais. Isso ocorre porque o indivíduo teme ficar sozinho, indefeso e infeliz. De fato, as pessoas no momento presente vivenciam crises de identidades porque não se valorizam mais o respeito com os outros indivíduos e há um desprezo com os princípios éticos.

Bauman (2005) utiliza o termo modernidade líquida para descrever a sociedade contemporânea e contrapor o que ele denominava de sólida, que era a existência de laços familiares mais consistentes, comunidades tradicionais, religião estável, Estado regulador com funcionamento bem definido. Além disso, no que tange ao sujeito, as identidades eram pouco heterogêneas, o trabalho possuía um grau de fixidez maior, a família possuía um entendimento clássico do papel do homem, da mulher e dos filhos e todos ajudavam na manutenção do lar. Para esse sociólogo, todas essas perspectivas são transformadas na modernidade líquida. Conseqüentemente, estão ocorrendo mais infidelidades nos

relacionamentos conjugais, aumento do desemprego, maior número de refugiados devido conflitos armados ou repressão política, mais violência nas grandes metrópoles em que a segurança pública não consegue mais conter a criminalidade, sendo que o Estado não consegue mais controlar a população.

Na sociedade líquido-moderna é cada vez malvista a pessoa ser identificada de modo inflexível e fixa. Então, existem uma abundância de compromissos para os relacionamentos pessoais e íntimos, mas são frágeis e vulneráveis, não inspiram confiança em investimentos a longo prazo. Devido à expansão dos meios de comunicação e o acesso à internet, fazendo uso das redes sociais, as pessoas tendem a ter facilidade na interação de forma virtual, oportunizando diversos relacionamentos em que rapidamente são demonstrados seus sentimentos íntimos e pessoais.

Contudo, na maioria das vezes, esses relacionamentos não possuem solidez, porque da mesma forma que são ocasionados rapidamente, também são interrompidos, bastando apenas uma exclusão por meio da tecla delete sem a dificuldade do enfrentamento face a face. Na verdade, a sociedade líquido-moderna contribui para que o indivíduo viva sem vínculo, porque se encontra inseguro do tipo de relação que deseja construir. Por exemplo, no que se refere ao amor, este só dura enquanto existe satisfação, o que geralmente dura pouco. Logo, é visado o contato permanente de forma superficial para espantar o medo da solidão e abandono, porque evita-se o desgaste do contato e enfrentamento de relacionamentos reais. Nesse contexto, na sociedade líquido moderna forma-se identificações privilegiadas e outras massacradas. A esse respeito Bauman (2005, p. 44) delimita:

Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à sua própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outras – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem dos quais conseguem se livrar – identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...

Como se pode ver, a identidade pode ser formada por escolhas e vontades do indivíduo, contudo, também por imposição da conjuntura social que dependem de fatores,

tais como, nível socioeconômico, política, local de nascimento, faixa etária, sexualidade, dentre outros. Logo, para que o indivíduo se firme em uma identidade é preciso que ele possua uma base sólida que o situe de forma espontânea dentro de um determinado perfil de identidade. No tocante ao trabalho, não se garante fixidez, pois não se espera que a lealdade de uma pessoa seja reconhecida e retribuída, tendo em vista que cada uma delas pensam no interesse pessoal e no crescimento individual, superando os colegas de trabalho a todo custo, de forma competitiva e capitalista, de acordo com o que preceitua o modelo neoliberalista. Então, os lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido como o trabalho, a família, a vizinhança, são indisponíveis e sem confiança, porque não são mais capazes de oferecer um convívio seguro e evitar o medo da solidão, do abandono e da falta de lealdade.

Para atender as necessidades de produção atual, as grandes empresas líderes de mercado preferem mão de obra qualificada, sendo que com a disponibilidade dos meios tecnológicos ocorre uma demanda menor de funcionários. Investe-se em pessoas que vivem se aprimorando para dar uma produção maior para os acionistas dessas empresas. Logo, quando os trabalhadores não proporcionam mais lucro são despedidos, tratados como lixo humano. Isso tudo é resultado do modelo econômico denominado de neoliberalismo. Lixo humano é um termo usado por Bauman (2005) para designar as pessoas que são rejeitadas ao ciclo econômico, pertencente ao neoliberalismo, aqueles que antes eram explorados pelo modelo capitalista e que agora são excluídos porque já não representam o lucro desejado aos acionistas das empresas.

Nesse sentido, na concepção de Bauman (2005), surgem as comunidades guada-roupa, por pendurarem os problemas individuais, como fazem os frequentadores de teatro numa sala. Elas são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando ele termina, visto que os expectadores apanham seus casacos dos cabides. Isto é, o indivíduo possui centenas de amigos em suas redes sociais o que cria a ilusão de que jamais estar sozinho, porque pode-se interagir com eles o tempo todo. Contudo, são relacionamentos que não garantem confiança, lealdade e compromisso, uma vez que, sabe-se que muitos dos comentários de elogios nesse ambiente virtual são farsas.

No entanto, a crítica de Bauman (2005) apresenta-se de forma radical, pois a internet não deve ser apontada como a causadora do pecado da humanidade, visto que, o ser humano é que deve ser capaz de usá-la adequadamente. Pode-se mencionar a sua

contribuição para a ampliação do conhecimento acadêmico e divulgação dos saberes científicos, porque são diversos os periódicos e revistas, portais com publicações relevantes sobre as várias ciências em áreas diversificadas do conhecimento. É possível aprimorar as habilidades linguísticas em línguas como o inglês e o espanhol por meio de sites de notícias, jornais e entretenimento, nesses idiomas. Logo, muitas pessoas utilizam a internet para o seu crescimento pessoal, intelectual e profissional. Ademais, Hall (2000, p. 59) advoga que “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”.

## CONCLUSÃO

Na sociedade líquido-moderna a identidade do sujeito é constituída por um leque de opções que se caracterizam pelo imediatismo, em que seja no profissional ou pessoal, o indivíduo deve estar livre e preparado para diversidade das situações na conjuntura social. Nesse cenário, o ambiente fica propício para relacionamentos extraconjugais, mais desemprego, mais pessoas inseridas na subclasse, em outras palavras, existe mais infidelidade entre os casais, mães solteiras, um aumento de desempregados por causa de uma exigência maior de mão de obra qualificada, as ruas estão com mais mendigos, ladrões, violência e está ocorrendo um aumento no número de refugiados.

Os relacionamentos pessoais e íntimos se tornam cada vez mais superficiais, embora surgem com facilidade e abundância, pois as pessoas estão perdendo a capacidade de interagir espontaneamente com pessoas reais, o que também, dificulta a formação pessoal de uma identidade, porque causa no indivíduo muita insegurança consigo próprio. Assim, é perceptível essas ocorrências no momento presente da sociedade, em que muitos países já vivenciam essas previsões do sociólogo Bauman. Pode ser dito que a internet através das redes sociais contribui para aproximar socioculturalmente pessoas que estão distantes geograficamente, como também, pode causar insatisfação afetiva e desatenção emocional as pessoas que estão ao seu redor fisicamente no seu dia a dia.

Desse modo, para o indivíduo da modernidade líquida as identidades são portadas como algo leve e passageiro, porque o medo da solidão e abandono contribui para que as pessoas estejam sempre disponíveis e desimpedidas para um relacionamento mesmo que

não seja duradouro. Busca-se apenas o momento presente sem que haja um projeto de vida a longo prazo. Logo, a identidade é construída em um processo contínuo, mas com diversos fatores que se apresentam a esse processo que não se sabe aonde vai chegar. Assim, a memória é essencial para a formação da identidade, como também, a memória é articulada e constituída através das formações discursivas em que o indivíduo vivencia no meio social.

Portanto, a identidade não é algo formada a partir do interior de um indivíduo, mas por meio das influências externas do contexto sociocultural. Então, para Bauman a modernidade líquida coloca todas as responsabilidades sobre a vida no próprio indivíduo, pois é ele que vai escolher o que mais lhe agrada, como também, sofrerá as consequências das ações que tomará. Nesse sentido, Bauman consegue abalar as crenças fundamentais por proporcionar uma reflexão ao indivíduo para que ele compreenda e se situe no contexto social, cultural e histórico em que vive. Assim, espera-se com este trabalho proporcionar uma reflexão sobre a temática da formação de identidade na sociedade em que se vive afim de que o ser humano possa se tornar um cidadão mais crítico, que reflita sobre sua cultura, valores e modo de vida e seja capaz de direcionar o caminho que deseja trilhar. Pois, para viver bem em sociedade, o indivíduo é levado a elaborar e respeitar normas de comportamentos social com outros membros, e esse convívio social é construído em relação com os outros.

## REFERÊNCIAS

**ALMEIDA**, Marcos Antonio Bettine de. Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas, de pesquisa. Gustavo Luis Gutierrez, Renato Marques. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 2012.

**BAUMAN**, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

**FOUCAULT**, Michel. A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed, - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

**HALBWACHS**, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

**HALL**, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

**SILVA**, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. Revista brasileira de Estudos de População / Associação Brasileira de Estudos Populacionais. V. 34, n. 1 (2017). Rio de Janeiro: rebep, 2017.